

## SURICATE SEBOSO: OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS PRESENTES NA FALA NORDESTINA ATRAVÉS DO GÊNERO DIGITAL FAN PAGE

Antonia Jackcioneide Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
[jackcioneide1@hotmail.com](mailto:jackcioneide1@hotmail.com) – UERN/PIBID  
Fernanda Hingryd da Silva<sup>2</sup>  
[dante.nanda@hotmail.com](mailto:dante.nanda@hotmail.com) – UERN/PIBID

**RESUMO:** Com a evolução das redes sociais e dos mais variados gêneros digitais é notório o fato de que o facebook permite uma interação social entre os usuários através de vários gêneros digitais, entre eles temos a fan page criada pelo facebook. Dentro da fan page é possível encontrar muitos gêneros (piadas, memes, charges entre outros). Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a fan page Suricate Seboso, sob a perspectiva da Sociolinguística, destacando os fenômenos linguísticos e as marcas regionais, graduais e descontínuas presentes em expressões da fan page, propondo o ensino desse gênero em sala de aula a fim de desconstruir a ideia de que a gramática normativa é o único caminho para o saber, fazendo com que os alunos valorizem as variações encontradas na língua além de contribuir na sua formação crítica e discursiva. Através dos discursos da fan page Suricate Seboso vemos a língua dos cearenses escrita tal qual são faladas, vale salientar que a fala descontraída e menos monitorizada encontrada no gênero digital aborda a linguagem de uma classe menos favorecida na sociedade, porém a partir dos discursos destacaremos alguns termos usados por todos os falantes da língua portuguesa independente de classe social, nível de escolaridade, raça, cor ou origem. Além disso, temos as imagens que retrata o cotidiano familiar que humorizam os textos, e de maneira intencionada revelam a identidade nordestina, mais especificamente da região do Ceará. Desse modo, o trabalho está amparado à luz de teóricos como, Marcuschi (2008), Bakhtin (2003), Bagno (2008), Araújo (2009), Labov (2008), Bazerman (2011), entre outros. Com base nisso, podemos inferir que o gênero digital é uma ponte ideal para o ensino-aprendizagem dos alunos em relação a língua, destacando o seu principal papel na sociedade, a comunicação e interação entre os indivíduos como uma forma de intervir o preconceito linguístico na sala de aula.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Suricate Seboso. Ensino-aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência – PIBID

<sup>2</sup> Aluna do curso de Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência – PIBID

## **Introdução**

Nos últimos anos, os gêneros digitais são os meios mais utilizados pela sociedade para se comunicar, entreter, trabalhar, se informar, entre outros. São as novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita.

Segundo Araújo (2009, p. 38):

“A internet chegou ao Brasil em 1995, mas somente nos anos 2000 é que ela se popularizou. Desde então, a escrita e os textos passaram a ter novos contornos, já que tiveram de acompanhar as novas tecnologias e se adaptar a elas. Em nosso entender, a partir daquele ano, uma nova perspectiva da história da análise dos gêneros começou a ser construída, pois, como mais uma tecnologia a favor da comunicação, a web trouxe consigo gêneros diversos, surgidos a partir das necessidades dos internautas de se comunicar pela rede mundial de computadores”.

Desse modo, em relação a demanda de acesso as redes sociais, podemos perceber na fan page a presença de fenômenos relacionados com a variação linguística. Para tanto, escolhemos como análise um tipo de gênero digital denominado Suricato Seboso, através de seus discursos e imagens podemos identificar a identidade de determinada região e destacar fenômenos linguísticos presentes nas falas assim como os traços regionais, graduais e descontínuos presentes nos discursos.

Sendo assim, no primeiro momento abordaremos neste artigo as contribuições das redes sociais em especial o facebook para o trabalho com gêneros digitais em sala de aula, o conceito geral sobre gênero digital e seu funcionamento como prática discursiva e comunicativa na sociedade, enfatizando o uso da internet na realidade dos alunos, considerando que a internet nos possibilita uma maior abrangência em relação ao estudo de um gênero pelo fato de abastecer mais conteúdo, espaço e permite uma variedade maior de multimodalidades no gênero que contribui para a compreensão mais eficaz do leitor.

Em um segundo momento abordaremos um pouco sobre o conceito da Sociolinguística e suas perspectivas em relação a linguagem encontrada nas imagens do Suricato Seboso tendo em vista que a fala proposta nas imagens são escritas de acordo como são faladas, dessa forma fugindo da norma padrão proposta pela gramática normativa.

Em seguida, será analisado as variações linguísticas de acordo com as teorias na área da sociolinguística destacando os traços regionais, graduais e descontínuos presentes na fala nordestina, especificamente dos cearenses através de imagens do gênero digital Suricate Seboso. O ideal é que tanto os alunos como os professores tenham em mente essas abordagens sociolinguísticas, em que a linguagem pode ser usada de várias formas. Certo que em determinados ambientes é necessário utilizar-se da forma culta e para isso é preciso que o aluno aprenda os conteúdos da gramática normativa ensinado pelo o professor de língua portuguesa tendo em vista que os alunos precisarão escrever bem, com coerência e coesão de acordo com as regras gramaticais na hora de fazer um concurso, um vestibular, uma seleção de emprego, ou até quando forem apresentar um trabalho em sala de aula ou para uma banca específica, porém, é necessário que o mesmo tenha consciência e reconheçam também as variações de determinados lugares e que em certos ambientes não é preciso a utilização da língua formal, por exemplo, quando conversamos com amigos ou com a família, utiliza-se a linguagem informal menos monitorada.

Dessa forma, na visão sociolinguística, a língua é considerada heterogênea, de acordo com Bagno (2007, p. 36), na obra Nada na língua é por acaso “A língua na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”.

De acordo com a citação acima, a língua sempre está sofrendo modificações, logo o que antes era considerado pela gramática como “erro” nada mais é que variações linguísticas que podem mudar de uma região para outra, fatores sociais, sexo, o nível de escolaridade, a idade, profissão, entre outros. Todos esses fatores contribuem na hora de estudar a linguagem na perspectiva sociolinguística. Logo após, será feito uma análise de algumas imagens do gênero digital Suricate Seboso. Para isso, temos embasamento teórico como, Marcuschi (2004 e 2008), Bakhtin (2000 e 2003), Bagno (2007), Araújo (2007), Labov (2008), entre outros.

## **1. Os gêneros digitais no ensino**

As novas tecnologias propiciam maiores possibilidades de interação entre os usuários de determinadas redes sociais. Isso porque segundo Bahktin (2000, p. 263):

“Além de ser o local onde a língua efetivamente é empregada, os gêneros possibilitam, através do estudo desses enunciados, um contato com as

condições específicas e as finalidades de cada campo não só pelo seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua), mas, por sua construção composicional”.

Desse modo, o trabalho com os gêneros digitais é uma importante ação para o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos usuários, além de contribuir na capacidade de produzir e interpretar diferentes tipos de discursos, de aprender a língua para se expressar e interpretar os significados culturais entre mais de uma pessoa através de um texto escrito ou oral. A partir das redes sociais podemos notar a presença de uma linguagem menos monitorizada. Os gêneros digitais, segundo Marcuschi (2004, p.18-19):

“Giram em torno das práticas da escrita, mesmo que em associação com outras semioses – o diálogo entre verbal e audiovisual é característica típica dos gêneros digitais, da mesma forma que a presença dos hiperlinks”.

A escrita é essencial para que haja comunicação, para Marcuschi (2002), não é possível que haja comunicação verbal a não ser por algum gênero ou por algum texto. Logo existem outros fatores que completam o sentido de determinados gêneros além da comunicação verbal podemos contar com várias multimodalidades dependendo do gênero, como a paródia, as cores, os personagens entre outros. No caso das imagens do Suricate Seboso contamos também com a comunicação não verbal que completa o sentido do texto, ao analisar a fan page Suricate Seboso, notamos esse diálogo verbal e audiovisual abordado por Marcuschi, pois o gênero digital fan page é uma página criada na rede social Facebook com o objetivo de disponibilizar um recurso de interação e comunicação voltado especificamente para a divulgação de marcas, produtos, empresas, bandas, entre outros. E, de acordo com o que se trata a página é possível direcionar a qual público deseja alcançar servindo como marketing de baixo custo para os seus criadores. A página pode ser seguida e “curtida” por qualquer usuário que esteja ou não interessado naquela marca ou empresa, dessa forma a partir do momento que alguém resolve criar uma fan page deve-se buscar de alguma forma chamar a atenção de maior quantidade possível de usuários.

Segundo Marcuschi (2000), citado por Araújo (2009, p. ,40),

“Uma das saídas por nós imaginada para estudar os gêneros digitais é vê-los como entidades sociocomunicativas, o que significa não levar em conta prioritariamente padrões formais, pois [...] quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Ou seja, os gêneros são vistos como uma forma de cultura e de ações sociais materializadas de forma particular na linguagem, cada gênero deve ser empregado de forma adequada levando em consideração a cultura de determinados ambientes, pois eles são flexíveis e mudam de uma cultura para outra. E o principal objetivo dos gêneros textuais e digitais é manter a interação social entre os indivíduos, para isso, deve-se levar em conta a realidade de cada comunidade. Ainda segundo Marcuschi (2002, p.19),

“Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, como o telefonema, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, à *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita”.

Desse modo com o surgimento das tecnologias conseqüentemente temos o surgimento de novos gêneros, vale salientar que esses novos gêneros são caracterizados pela necessidade de comunicação entre os indivíduos e que eles são incontáveis e heterogêneos, além disso ressalta-se que esses novos gêneros não são altamente inovações absolutas, pois muitos originam-se a partir da existência de outros gêneros. O trabalho com os gêneros digitais é uma importante ação para o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos em sala de aula, considerando que os alunos estão envolvidos a maioria do tempo no ambiente virtual deve-se propor atividades que estejam vinculadas a realidade que se encontram os discentes, pois como afirma Bazermam (2011, p.24),

“Em nosso papel de professores, constantemente acolhemos estranhos nas paisagens discursivas que nos são caras. No entanto, os lugares que são familiares e importantes para nós (professores) podem não parecer inteligíveis ou hospitaleiros para os alunos os quais tentamos inserir nos “nossos mundos”.

Ou seja, os alunos já trazem consigo seus desejos comunicativos familiarizados e os professores devem levar em conta os interesses dos alunos para que a aula possa ser mais produtiva. Os gêneros são formas de vida, de comunicação de interação em um determinado ambiente e o gênero só cumpre o seu papel discursivo se o leitor souber do que se está falando, ou seja, na sala de aula por exemplo a visão de mundo do professor é diferente do aluno é mais

ampla e não podemos chegar em sala de aula e querer fazer com que o nosso aluno penetre em nosso mundo, os professores que tem que entrar no mundo do aluno e abrir caminhos para novos conhecimentos levando em conta a realidade que se encontra o aluno.

De acordo com (Bazerman 2011, p.24), em seu texto relata que o retrato que ele fez sobre o gênero é de como papel modelador da atividade educacional baseando-se nas teorias linguísticas, retórica, da psicologia e da sociologia, afastando-se das teorias tradicionais literárias. O Autor parte da ideia que os enunciados devem ser usados em determinada situação, no momento mais apropriado e que em muitas ocasiões em sala de aula o professor não pode contar com o entusiasmo do aluno para produzir um texto, pois escrever requer muitos sacrifícios e não é fácil, logo é preciso que o professor leve em conta o tipo de texto que mais atrai e que o aluno se identifique para que haja um retorno em relação ao ensino dos gêneros em sala de aula, desse modo o professor ao encaminhar o aluno em um direção de escrita que ele mais se identifica e que ele compreenda que o estudo dos gêneros mostram diferentes práticas discursivas em determinadas circunstâncias, o professor não deve se preocupar se a direção que o aluno seguiu o impossibilitará de dar continuidade e visão aos diferentes tipos de textos, pelo contrário o aluno que entender as práticas discursivas dos gêneros poderá produzir e questionar diversos tipos de textos de maneira apropriada.

## **2. Sociolinguística**

Na visão da sociolinguística, a língua é considerada heterogênea, como relata Bagno (2007, p.36). “Não existe uma língua uniforme e sim, variedades que se alteram de acordo com a região, considerando que na maioria das vezes a forma de falar identifica o indivíduo”. Com base nessa afirmação, podemos inferir que o gênero digital Suricate Seboso é uma ponte ideal para descrever a fala através da escrita, além de ser uma forma de interação entre os usuários de diversas regiões, é também uma forma de mostrar sua cultura, identidade e costumes.

As variações são influenciadas por vários fatores, sociais, geográficos, econômicos, idade, sexo e outros. Assim, Labov (2008, p. 64 e 65), relata sobre as variantes de prestígio relacionada a classe social de status considerada superior e as estigmatizadas que são utilizadas pelas classes menos favorecidas. A partir dessas distinções, podemos perceber, entre os falantes considerados superiores, o preconceito em relação aquelas pessoas que falam de forma

estigmatizada. Porém, segundo Bagno (2007, p. 207) “Essas diferenças, se bem analisadas, revelam ser muito poucas quando comparamos com as semelhanças que existem”.

Diante dessa afirmação, podemos entender que as variações linguísticas encontradas em determinadas falas, em especial no Ceará, consideradas pela gramática normativa como fora do padrão, são utilizadas também por cidadãos escolarizados e de classe alta. Segundo Bortoni (2004, p. 27),

“Em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua [...] uma regra gradual – que se encontra no repertório de praticamente todos os brasileiros, independentemente de seus antecedentes geográficos[...] Esse é um traço gradual, pois aparece no polo rural do contínuo, mas também nas comunidades rurbanas e urbana”s.

De acordo com a citação de Bortoni, os traços encontrados no português do Brasil estão divididos em três partes, temos os traços regionais que variam de uma região para a outra, existe os traços descontínuos que são aqueles discursos menos monitorizados geralmente usados na zona rural onde a população vive isolada das cidades, existe também os traços graduais que são termos utilizados por todos os falantes da língua, independente da escolaridade e de outros fatores. Além dessas mudanças linguísticas causada por diversos fenômenos como já foi explicado acima, a fala cearense sofre também alterações fonéticas chamadas de Metaplasmos, segundo Carvalho e Nascimento (1974 p.35): “Metaplasmos são alterações que as palavras sofrem durante sua evolução do Latim para o Português.” Esses fenômenos linguísticos mudam foneticamente a palavra mas conserva o seu significado, nos próximos tópicos serão analisados esses fenômenos e os traços, descontínuos, regionais e graduais no discurso do Suricate Seboso.

### **3. Variações linguísticas encontradas na fan page suricate seboso**

Segundo Bagno (2007, p. 36): “A língua, na concepção das sociolinguísticas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”.

Essas mudanças ocorrem de acordo com a vida em sociedade, considerando o contexto do sujeito na sua prática social de comunicação, ou seja, devemos considerar o local onde se encontra o falante, podemos perceber nas regiões do Brasil diferentes formas de manifestação da fala dentro de uma língua, cada região tem uma característica própria da fala. Desse modo, identificamos nas falas das imagens retiradas da fan page Suricato Seboso, variações e os fenômenos linguísticos na fala cearense.

### IMAGEM 1



Fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

Na frase “**Ei fêssora tu é gata ó! Eu tinha coragi!**”, na palavra *fêssora* “ocorreu um metaplasmo denominado *aférese* que é a supressão de um fonema no início do vocábulo. (CARVALHO E NASCIMENTO,1974)”

Na palavra *coragi*, “ocorreu o metaplasmo por supressão chamado *apócope*, que é a supressão de um fonema no fim da palavra. (CARVALHO E NASCIMENTO,1974)”

Pode-se destacar também o pronome *tu*, que é uma das marcas regionais e utilizado pelos cearenses.



Na frase “**Me arrespeite minino saliente! Num sou tuas paricêra**”! Na palavra *minino*, ocorreu um fenômeno linguístico denominada harmonia (*assimilação*): É um processo em que o traço da vogal alta tônica /i/ se estende até a vogal média pretônica /e/. Na palavra *paricêra*, ocorreu um fenômeno denominado *apagamento* (*monotongação*): Consiste em uma mudança fonética que reduz um ditongo a uma vogal simples.

*Arrespeite* ocorre um metaplasmo por acréscimo chamado *prótese*, é o acréscimo de um fonema no início do vocábulo. (CARVALHO E NASCIMENTO,1974)”

Na expressão *armaria*, ocorre um fenômeno linguístico chamado de sândi: É a combinação de dois vocábulos fonológicos.

## IMAGEM 2



Fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

Na frase **Mãe já tô aki viu?!** Temos a transcrição da fala na escrita. No verbo *tô*, “ocorreu dois tipos de metaplasmo a *aférese*, com a queda da sílaba **es** no começo do vocábulo; e a *apócope* com a supressão do fonema **u** no fim da palavra. (CARVALHO E NASCIMENTO,1974)”

Já na frase **vô é mimbora dessa casa!!** Ocorre o fenômeno *apócope* na palavra *vou*, com a queda da vogal *u*. (CARVALHO E NASCIMENTO,1974)”

Na expressão *mimbora*, um fenômeno linguístico chamado de *sândi*: É a combinação de dois vocábulos fonológicos.

A expressão *jumento batizado* retrata um pouco da identidade cearense, já que é muito utilizada pelos falantes dessa região à expressão significa que a única diferença de um jumento para um jumento batizado é justamente o fato de ser batizado. Assim como a expressão *dicumer* e o artigo na expressão *a mãe*, que são marcas registradas da fala dos cearenses.

### IMAGEM 3



Fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

No nordeste, assim como em todo o Brasil, há crenças e tradição. No *post* analisado, temos o exemplo de uma dessas tradições nordestinas, revelada pelo enunciado “**Sai de baixo dessa mesa, se não tu num cresce mais praga!!**”

As variações são influenciadas por vários fatores, sociais, geográficos, econômico, idade, sexo e outros. Assim, Labov (2008, p. 64 e 65), relata sobre as variantes de prestígio relacionada a classe social de status considerada superior e as estigmatizadas que são utilizadas pelas classes menos favorecidas, a partir dessas distinções podemos perceber entre os falantes considerados superiores o preconceito em relação aquelas pessoas que falam de forma estigmatizada.

Porém segundo Bagno (2007, p. 207) “Essas diferenças, se bem analisadas, revelam ser muito poucas quando comparamos com as semelhanças que existem”.

Diante dessas afirmações, podemos entender que as variações linguísticas encontradas em determinadas falas, em especial no Ceará considerado pela gramática normativa fora do padrão, são utilizadas também por cidadãos escolarizados e de classe alta como veremos no tópico a seguir.

#### **4. Marcas regionais, graduais e descontínuas nos diálogos da fan page Suricate Seboso**

Os traços regionais surgem de acordo com a origem geográfica do falante e varia de um lugar para o outro como por exemplo a fala do Rio Grande do Sul, do Nordeste, Cariocas, Paulistas, Gaúchos entre outros, embora que não falem do mesmo jeito há uma compreensão entre os falantes de determinadas regiões.

Segundo Bagno (200, p. 22) “Toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo.” Como por exemplo a mudança do pronome de tratamento, vosmecê, vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, ocê e você. Também temos como exemplos retirados das imagens da fan page Suricate Seboso o pronome tu que é muito utilizado em alguns estados do nordestes, principalmente no Ceará. Nas imagens abaixo será analisado os traços regionais, descontínuos e graduais retirados dos discursos da fan page Suricate Seboso.

##### **IMAGEM I**



Fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

Os traços descontínuos são encontrados em falas estigmatizadas, sem prestígio social, e quando são usadas despertam o preconceito daqueles que se consideram letrados e de classe alta.

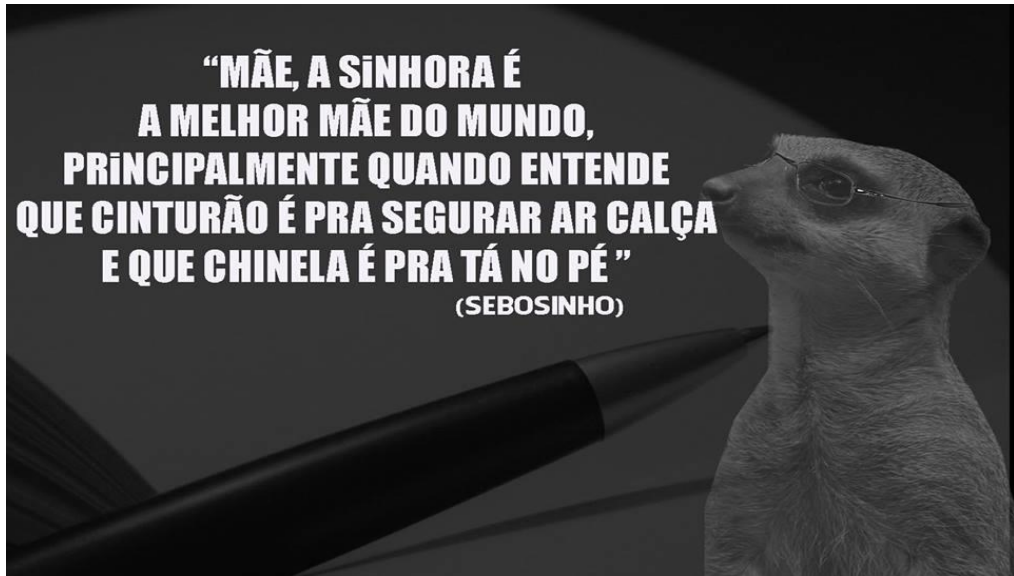
## IMAGEM 2



fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

Na imagem acima podemos destacar alguns traços descontínuos por exemplos nas palavras, *OÍÁ, DENDI, FÍ E DEUZU* raramente alguém com estudo fala dessa forma, essa linguagem é uma característica de pessoas com baixo nível de escolaridade. Os traços graduais são utilizados por todo o tipo de falante independente de classe social ou nível de escolaridade, geralmente aparecem em falas menos monitorizadas dos falantes de prestígios e não sofre preconceito pois estão presentes no cotidiano. Vejamos a imagem a seguir:

### IMAGEM 3



fonte: [https://www.facebook.com/suricateseboso/photos\\_stream](https://www.facebook.com/suricateseboso/photos_stream)

Um exemplo de traços graduais está presente quando falamos *sinhora e tá*, são modos de falar usados por todos os falantes, pois raramente alguém diz senhora ou está, nesse caso na palavra *sinhora* ocorreu o fenômeno chamado *apofonia* que é a mudança de timbre de uma vogal por influência de outra. E na palavra *tá* ocorreu a *aférese* com a queda da sílaba *es*. (CARVALHO E NASCIMENTO, 1974)”



## **Conclusão**

Constatamos, na pesquisa, que os gêneros digitais estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano e através deles podemos manter uma interação com a cultura, tradições e costumes de diferentes povos, nos dando a possibilidade do contato com diferentes tipos de textos e identificar as variações linguísticas presente na fala de várias regiões.

Desse modo, a fan page propõe um retrato, ainda que resumido, da realidade cotidiana em que o nordestino está inserido. Constatamos, também, que a fan page Suricate Seboso é uma forma de propagação e valorização da cultura do nordeste brasileiro e ainda uma maneira de constituir marcas que identificam esse povo. As expressões destacadas e analisadas da fan page Suricate Seboso caracteriza a identidade nordestina adicionada aos fenômenos linguísticos. Como na construção de expressões tipicamente faladas em nossa região (mimbora, armaria nãm, coragi, num e entre outros). Essas construções, embora não estejam de acordo com a gramática normativa, é utilizada por diferentes tipos de falantes independente da região, nível de escolaridade ou classe social.

Sendo assim, vale salientar que as palavras sofrem mudanças com o passar dos tempos, algumas não mudam o significado outras sim, porém essas mudanças são inevitáveis, pois vivemos em um país com diferentes tipos de variáveis que mudam de uma cidade para outra, e que devemos ter em mente que essas variações linguísticas depende de muitos fatores e que devemos combater o preconceito em relação a certos tipos de discursos que caracterizam determinadas regiões, pois o que é considerado pela gramática normativa como “erro” para a sociolinguística é considerada como variações da língua, logo a gramática normativa pode padronizar escrita, mas não pode fazer o mesmo com a fala oral dos indivíduos.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Júlio César e COSTA, Nonato. Momentos interativos de um chat aberto: a composição do gênero. In: Araújo, Júlio César (org.) **Internet e ensino: novos gêneros outros desafios**. RJ: Lucerna, 2007.
- ARAÚJO, Júlio César e NETO, Vicente de Lima. **Gêneros Digitais em emergência: Uma proposta de análise do scrap do Orkut**, Revista do Gelne, v. 11, n. 2. 2009. Disponível em <<http://www.julioaraujo.com/news/artigos-/>>. Acesso em 15 de Maio de 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. São Paulo: Editora contexto, 2008.
- CARVALHO, Doreles Garcia; NASCIMENTO Manuel. **Gramática Histórica**. 10º Ed. São Paulo: Ática, 1974
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gênero textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002. P. 19-36.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gênero textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Xavier, Antonio Carlos e Marcuschi, Luiz Antonio (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- PEREIRA, L. COELHO, A. SILVA, R. O Suricate Seboso: a fala nordestina através dos gêneros digitais. Trabalho publicado no XIII Encontro Humanístico Multiculturalismo, UFMA, 2013.
- TAVARES L. H. Gêneros e multimodalidade discursiva nas histórias em quadrinhos. Revista Prolíngua, v. 5, n. 2. 2010. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/15309>> Acesso em 08 de setembro de 2014.